

PERRY MELIUS

Hard Graft and the Journey of Music

Trabalho Árduo e a Viagem Através da Música

For decades, British drummer Perry Melius has built a career that has taken him from small clubs to some of the world's biggest stages while working with such notable artists as Tricky and African Head Charge along the way. In this wide-ranging conversation with Coffee Time News, Perry speaks openly about life on the road, creativity, family, the changing music industry, and the importance of respecting where music came from. Most of all, he shares what he has learned from a lifetime of following what he calls the "journey of music."

Ao longo de várias décadas, o baterista britânico Perry Melius construiu uma carreira que o levou dos pequenos clubes a alguns dos maiores palcos do mundo, trabalhando pelo caminho com artistas de renome como Tricky e African Head Charge. Nesta abrangente conversa com o Coffee Time News, Perry fala abertamente sobre a vida na estrada, a criatividade, a família, as mudanças na indústria musical e a importância de respeitar as origens da música. Acima de tudo, partilha aquilo que aprendeu ao longo de uma vida a seguir aquilo a que chama a "viagem através da música".

Maria Santos: In the music world, we often hear about critical success—respect from critics and fellow musicians—and commercial success, meaning reaching a large audience and selling records. As a drummer and collaborator, how do you balance those two ideas, and where do you feel your work sits on that spectrum?

Perry Melius: Wow, I think... let's take the respect thing. I think you gain respect as your career goes along. So, in terms of music, you gain respect by being good at what you do, by putting the time in what you do, and by being efficient in what you do and then you gain respect in the musical world because it's quite a small business and everybody knows everybody, so you gain respect by the way you handle yourself and just by being you, basically. So, if you're a musician that's always on time, learns his music, is very prompt, does a good job, good to get on with, great to be on the road with, good sense of humor... those are positive things, so you're always going to gain respect because people are always going to want to be around you.

As far as dealing with different kinds of success with fans, well, because I'm a drummer and a kind of hired hand... they hire me to play drums, so I'm not really in the forefront when it comes to signing autographs or things like that, even though you do get people who come up to you and ask if you can sign stuff, but I tend to try to not do that since it's not me they've come to see, it's the artist who I'm working for, but when it happens and if it is what's needed I do whatever supports the artist, including signing autographs. As far as dealing with different kinds of audiences due to the success of an artist... big audiences in a



stadium or a smaller club audience... I look at all of them the same. The whole spectrum of audiences is exactly the same. You play to one person the same way you play to a thousand. I just look at that as one thing. I don't think, "Wow, I'm in a big stadium, so I'm going to do something different that I wouldn't do in a small club of 200 people," because you still have to execute your work the same way whether it is with one person, ten people, or thousands of people.

Maria Santos: No mundo da música, ouvimos falar frequentemente sobre o sucesso por parte da crítica- respeito pelos críticos e pelos artistas- e o sucesso comercial, portanto, chegar a uma grande audiência e vender discos. Como baterista e colaborador, como equilibra estas duas ideias e onde sente que o seu trabalho se insere nesse espectro?

Perry Melius: Uau, Eu acho que... vamos pegar na parte do respeito. Penso que ganhas respeito ao longo da tua carreira. Então, falando de música, ganhas respeito ao seres bom no que fazes, ao investires tempo naquilo que fazes, ao seres eficientes e assim ganhas respeito no mundo da música, porque é um negócio relativamente pequeno, e toda a gente se conhece, então ganhas respeito pela maneira como te comportas e como és basicamente. Então, se és um artista que está sempre atento, aprende a sua música, és rápido, fazes um bom trabalho, trabalhas bem com os outros, és uma boa pessoa com quem se pode estar na estrada, com bom sentido de humor... estes são pontos positivos, então vais sempre ser respeitado e as pessoas vão sempre querer-te por perto.

Ao longo da carreira, lidamos com diferentes tipos de sucesso junto dos fãs, bem, eu sou um baterista, um tipo de "mão con-

tratada”... contratam-me para tocar bateria, então eu não estou na frente quando se trata de autógrafos ou coisas do gênero, mesmo que haja pessoas que te perguntam se podes assinar coisas, eu tento não o fazer uma vez que não é a mim que as pessoas vêm ver, é o artista para quem trabalho, mas quando acontece, e se for preciso eu faço o que for preciso para suportar o sucesso do artista... audiências grandes, num estádio ou pequenas audiências num clube... para mim, são todas iguais. Todos os níveis de audiências são iguais para mim. Tocas da mesma forma para uma pessoa e para mil. Olho para isso como uma coisa. Eu não penso, “Uau, eu estou num estádio enorme, então vou fazer uma coisa diferente que não faria num pequeno clube com 200 pessoas”, porque tens de executar o teu trabalho da mesma forma, quer seja para uma pessoa, dez pessoas ou milhares de pessoas.

Constança Simões: How would you react to this quote? “If we cannot choose who we are, we can always choose to become something new. To stop choosing is to start dying.”

Perry Melius: That’s a difficult one. I think we have to always have choices and to make your own choices is down to you and how you choose and what you do. Choices are choices and they’re there to be made and obviously if you stop making choices for yourself, whether it is about your career or personal choices, there’s nothing to look forward to because there’s nothing to make a choice about or for. If I put it in the context of a career or music, you definitely have to be your own person in making your choices, whether it be musical or financial or how you dress or how you look... you definitely have to have your own opinions and your own ability to make your own choices. If that makes sense. So, if you weren’t able to make your own choices, yeah, sure, you’re being dictated to by someone who is making the choices for you. Having choices and making them are important.

Constança Simões: O que pensa desta frase: “Se não podemos escolher quem somos, sempre podemos escolher tornar-nos numa pessoa nova. Parar de escolher é começar a morrer.”

Perry Melius: Essa é difícil, Acho que temos de ter sempre escolhas, e fazer as tuas próprias escolhas depende apenas de ti e de como tu escolhes e o que escolhes. Escolhas são escolhas e estão lá para serem feitas e, claramente, se paras de fazer as tuas próprias escolhas, quer seja na tua vida profissional ou pessoal, não há nada a esperar, porque não há nada sobre o que escolher. Se eu colocar isto num contexto profissional ou musical, tens de ser a tu próprio a fazer as tuas próprias escolhas, quer sejam musicais ou financeiras, como tu te vestes ou como te apresentas, definitivamente tens de ter as tuas próprias opiniões e ter a capacidade de tomar decisões. Se é que isto faz sentido. Então, se não fosses capaz de tomar as tuas próprias decisões, claro, estás a ser ditado por alguém que está a tomar decisões por ti. Ter escolhas e tomá-las é importante.

Benedita Soeiro: I read in a profile that you are self-taught. As you were teaching yourself to play drums, did you have any kind of curriculum you were following, or were you basically just banging on the drums until you figured it out on your own?

Perry Melius: Good question. I kind of figured it out on my own. I kind of

morphed into what I am. I could pick up some drumsticks and listen to music and always pick out the drums and naturally play it and remember the beat. So, I just played and played until my first gig came and I did that. Then, it progressed into, “Okay, this is cool... it works.” Then, “Okay, I’m getting good at this now.” Then, “Okay, cool, I’m getting more calls and earning money now. Let me take it seriously.” My career kind of progressed like that. I didn’t have any formal teaching or anything, and it was long before I got into YouTube and computers and technical stuff. So, you just have to listen to music and try to figure it out by yourself. So, that’s how I came into the business. Not with lessons.

Benedita Soeiro: Li que aprendeu a tocar bateria sozinho. Enquanto aprendia por conta própria, tinha algum tipo de programa que seguia ou basicamente ia tocando bateria até descobrir sozinho como fazê-lo?

Perry Melius: Boa pergunta. Eu meio que descobri sozinho. Fui-me transformando na pessoa que sou hoje. Eu podia escolher as minha peças, ouvir a música, descobrir a bateria e naturalmente tocar e lembrar-me do ritmo. Então, eu só tocava e tocava, até ao meu primeiro trabalho. Depois, progredindo para, “Oh, okay, isto é fixe... funciona.” Depois, “Okay, eu estou a ficar bom nisto.” Depois, “Okay, fixe, eu estou a ter mais trabalhos e a ganhar dinheiro. Deixa-me levar isto a sério.” A minha carreira progrediu assim. Não tive nenhum professor ou algo do gênero, e isto foi muito antes de haver YouTube, computadores e coisas técnicas. Então, tu só tens de ouvir a música e tentar perceber-la sozinho. Foi assim que entrei no ramo. Não com aulas.

Maria Santos: Who do you respect most in the industry and who do you most love working with?

Perry Melius: Oh, that’s a really difficult question. To respect someone in the industry, as I said, they have to gain that respect through what they do, so an example for that question is that sometimes you get called to work with an artist, maybe a younger artist and then get called to work with an older artist who’s been around a long time and has come up through the music industry in a different world and a different way than the younger person has, so the older person would respect you a bit more by making sure your wages are paid on time, making sure all your needs are covered when you’re on the road and when you’re working with them. Maybe the younger generation, in terms of coming up through the music business, they don’t tend to look as deeply into looking after the other musicians. It’s more about looking after themselves and going out and doing what they do, but they don’t look after their staff as attentively as an older musician would who’s come through the ranks over many years and respects musicians.

I think because music was made organically thirty or forty years ago, you had to actually play an instrument to play music, so it was more respected, because now you can use one finger and make a hit. So, the respect has kind of gone out of that in terms of if you have great talent. If you have great talent, you have to make sure you deliver in the studio or on stage or wherever your client asks

you to do it. You have to physically deliver that. Nowadays, if someone asks me to play a beat, I can just go on Splash and put the beat in, which I wouldn’t do, but you can do it and put the beat in and make a record, so the respect is kind of gone. If I want to put it in a nutshell, I respect the people that respect the industry and respect where we’ve come from and how hard it was to get to where we are now as working artists.

Maria Santos: Quem é que você respeita mais na indústria, e com quem é que mais gosta de trabalhar?

Perry Melius: Oh, é uma pergunta difícil. Para respeitar alguém na indústria, como eu disse, tem de ser pelo que se faz, então, um exemplo para essa pergunta às vezes trabalha-se com um artista, um mais novo e depois com um mais velho que está cá há muito tempo e tem subido na indústria da música num mundo diferente e de forma diferente do que a pessoa mais nova; a pessoa mais velha vai respeitar-te mais se os seus salários são pagos a tempo, ter a certeza de todas as tuas coisas estão prontas, enquanto estás na estrada ou a trabalhar com ele. Talvez o mais novo, para subir na indústria da música, não tenda a reparar tanto nos outros músicos. Olham mais para si próprios, mas não olham tanto pela sua equipa como os músicos mais velhos, que foram subindo na indústria ao longo dos anos e que respeitam os outros músicos. Eu acho... porque para a música original feita há 30 ou 40 anos tinha-se de tocar um instrumento, então era mais respeitador, porque agora usa-se um dedo para fazer uma batida. Então, nesse sentido, o respeito pelo talento tem vindo a desaparecer. Se tens um grande talento, que é empregue no estúdio ou no palco ou onde o teu cliente te pede, tens de o empregar pessoalmente. Hoje em dia, se alguém me pedir para tocar uma batida eu posso ir ao Splash e pôr a batida a tocar, o que eu nunca faria, mas tu podes fazê-lo, por a batida e gravar... então o respeito meio que desaparece. Em suma, eu respeito as pessoas que respeitam a indústria, que respeitam de onde viemos e o quão difícil foi chegar onde estamos hoje como artistas profissionais.

Maria Julia Stephan: This question refers to a Wynton Marsalis quote: “Jazz is a challenge to be in the moment. One moment equals eternity.” Does this apply to other forms of music? Does this ring true to you?

Perry Melius: That’s a good question. Actually, that’s a great question. Being in the moment of any particular piece of music is how you’re transcribing that music in your mind. So, if you’re not connected to that music... if you’re not connected mentally to the music or you’re playing a piece of music and you’re thinking about what you had for breakfast, well, there’s no connection. You’re not going to have any feeling about the music or eternal thoughts about the music or passionate thoughts, but if you’re connected to the music, like when I used to work with Tricky, it was so intense on stage... it was so, so intense that you felt that you were just taken to a different place and it would last forever. Your mind would go to a different place musically and then it would just be a journey and then you’d come off stage and go into the dressing room and the dressing room would be actually silent and no one would say anything because we didn’t understand

what had just happened and where we had just been musically. So, if you’re in a jazz context... if I’m taking that from a jazz context, then yes, it does affect you musically if you let the music take you to that place, but not just in jazz, it can be country and western. If you let the music take you to that place, it can affect you and it’s a great place to be if you can get there. It’s just coming at you and free-forming and it just takes you to a weird place that not much music can take you, if that makes sense.

Maria Julia Stephan: Esta pergunta refere-se a uma citação de Wynton Marsalis: “O jazz é um desafio para se viver o momento. Um momento equivale à eternidade.” Considera que esta ideia também se aplica a outros estilos de música? Faz sentido para si?

Perry Melius: Essa é uma boa pergunta. Aliás, é uma excelente pergunta. Estar verdadeiramente presente em qualquer peça musical é a forma como a vais absorvendo e interpretando na tua mente. Se não estiveres ligado à música, se não estiveres mentalmente envolvido com ela, ou se estiveres a tocar enquanto pensas no que comeste ao pequeno-almoço, então não existe qualquer ligação. Não vais sentir verdadeiramente a música, nem vais ter pensamentos profundos ou apaixonados sobre ela. Mas, quando estás realmente ligado à música... Lembro-me de quando tocava com o Tricky. A intensidade em palco era enorme, absolutamente enorme. Sentíamos que éramos transportados para outro lugar e que aquele momento podia durar para sempre. A tua mente entrava noutra dimensão musical e tudo se transformava numa viagem. Depois terminava o concerto, regressávamos ao camarim e reinava um silêncio absoluto. Ninguém dizia uma palavra, porque nem nós próprios conseguíamos compreender o que tinha acabado de acontecer ou onde a música nos tinha levado. Por isso, se olharmos para isto numa perspetiva do jazz, sim, a música pode afetar-nos profundamente, desde que nos deixemos levar por ela. Mas não é algo exclusivo do jazz. Pode acontecer com música country, por exemplo, ou com qualquer outro gênero. Se permitirmos que a música nos transporte para esse lugar, ela pode tocar-nos profundamente. É um lugar extraordinário para se estar. É como se tudo acontecesse de forma espontânea, livre, quase sem pensar, e a música te conduziu para um espaço muito particular, um lugar onde nem toda a música consegue levar-te. Espero que isto faça sentido.

Yuri Sundermeyer: I love playing the drums and I am actively trying to learn new techniques. As an experienced drummer, is there anything left that you want to try to learn or maybe do that you haven’t yet?

Perry Melius: There’s so much that I want to do. There’s so much I have to learn. There’s so much I aspire to do, but in reality, in the real world, I think time is the key thing to this. I want to learn how to read music or play better or learn different techniques, but because of time and the fact you have to work to earn money and stay on top of your game and to be as good of a drummer as you can be, it’s difficult. So, the more you’re working, that means the more you’re playing drums, which means the more your limbs are getting better and

techniques are better, because you keep playing. If I have to take the time out to practice for a week, well, my schedule doesn't allow that, because I always have something going on and I think if you practice, you have to practice something that's going to make you a better player, rather than just playing something that you're just going to play that isn't challenging. So, I think I would love to have more time to practice and to get my technique better and to read more music, because I do quite a bit of theatre work, but I don't read music, but I've got a great memory and I know ways of getting around charts, so I'd like to be able to read a piece of music and throw it away. That's what I would like to do.

Yuri Sundermeyer: Adoro tocar bateria e procuro constantemente aprender novas técnicas. Sendo um baterista experiente, há ainda alguma coisa que gostasse de aprender, ou de fazer, e que ainda não tenha conseguido?

Perry Melius: Há imensas coisas que ainda quero fazer. Há imensas coisas que ainda tenho de aprender. Tenho muitos objetivos e aspirações, mas, na realidade, acho que o tempo é o fator mais importante. Gostava de aprender a ler música, de tocar ainda melhor e de desenvolver diferentes técnicas. No entanto, por causa da falta de tempo e do facto de ser preciso trabalhar para ganhar dinheiro, manter a carreira e estar ao melhor nível possível como baterista, isso torna-se difícil.

Quanto mais trabalho tenho, mais toco bateria, o que significa que os meus braços e pernas continuam a desenvolver-se e a técnica também melhora, simplesmente porque estou sempre a tocar. Se precisasse de parar uma semana inteira para estudar e praticar, o meu calendário não o permitiria, porque há sempre alguma coisa a acontecer.

Além disso, acho que, quando se pratica, deve ser para trabalhar algo que realmente nos torne melhores músicos, e não apenas para tocar coisas que já dominamos e que não representam qualquer desafio. Por isso, gostava de ter mais tempo para praticar, aperfeiçoar a minha técnica e aprender a ler música. Faço bastante trabalho em teatro e, curiosamente, não leio música. No entanto, tenho uma excelente memória e encontrei formas de contornar as partituras e os esquemas musicais. Ainda assim, gostava de ser capaz de pegar numa partitura, lê-la e depois já não precisar dela. Era isso que gostaria de conseguir.

Benedita Soeiro: Playing with Tricky allowed you to meet some A-listers at that time. When you met those kinds of people, was it easy to understand how they got to where they were, or did they just seem like normal people who got lucky? Do you consider your success to be partially luck, or does that devalue your accomplishments?

Perry Melius: Another good question. Meeting A-list musicians, those musicians that everyone knows... when you're working with them, you have to look at them as the same as you, because you are there for a reason. For example, when you are with Tricky, you're actually there for a reason, because you're good at what you do, so you look at them as the same as you. Really, you have to, but the only difference is if you're with a singer or someone who's written great music or had lots and lots of success, great, so they have got lots more money or are wealthier, that's



different, but when you are in that room at that particular time, you all have to be on the same page, because we're creating the same thing. We're there for a reason and I'm there for a reason and the different A-listers are there for a reason. Sometimes you can get an A-lister, someone who is famous in the media, and sometimes you can get them and they're hard to work for, because they don't really understand what they want. So, you have to be very diplomatic in how you approach that and try to figure them out and figure out a way to get what they want to get out of it without being disrespectful.

I think for me, I just kept on working from when I was young and just kept on playing drums and kept playing, playing and playing and I kept getting called and called, and I never had a manager or representation, so I kept getting called for different kinds of music and different kinds of tours, so I think hard work was a big part of that, to be fair. I think the more you put in, the more you will get out of it. If that makes sense.

Benedita Soeiro: Tocar com o Tricky permitiu-lhe conhecer alguns artistas de topo. Quando conheceu esses tipos de pessoas foi fácil perceber como lá chegaram, ou pareceram-lhe apenas pessoas normais que tiveram sorte? Considera o seu suc-

so sorte, ou deve-se às suas conquistas?

Perry Melius: Outra boa pergunta, conhecer músicos de topo, esses músicos que toda a gente conhece... quando trabalhas com eles, tens de os ver iguais a ti, porque estás lá por alguma razão. Por exemplo, quando estás com o Tricky, tu estás na verdade lá por uma razão, porque tu és bom no que fazes, então olhas para eles como para ti. Na realidade tens de o fazer, mas as únicas diferenças são se estiveres com o cantor ou alguém que escreve boa música ou tem imenso sucesso, boa, então eles têm muito dinheiro, são ricos, então, isso é diferente; mas quando estás no quarto têm de ser todos iguais, nessa altura em particular, porque estamos a criar a mesma coisa. Estamos lá por um razão, e eu estou lá por uma razão, e os de topo estão lá por uma razão. Às vezes, podes encontrar alguém de topo, alguém famoso nos media, e pode ser difícil trabalhar com essa pessoa porque ela não sabe realmente o que quer. Então, tens de ser muito diplomático na forma como lidas com isso, tentar perceber a pessoa e descobrir uma forma de conseguir o que ela pretende, sem ser desrespeitador. Eu acho que, no meu caso, simplesmente continuei a trabalhar desde muito novo, continuei a tocar bateria, a tocar, tocar e tocar, e continuaram a chamar-me. Nunca tive um manager ou representante, por isso con-

tinuaram a chamar-me para diferentes tipos de música e diferentes tipos de digressões. Acho que o trabalho árduo foi uma grande parte disso, para ser sincero. Acho que quanto mais investes, mais recebes em troca. Se isto fizer sentido.

Yuri Sundermeyer: I noticed that while performing with Tricky, you played with bassist Carrie Melbourne. She seemed to have a strong stage presence. How was it working with her in a band environment? How does having a woman in a band—particularly when she is not the lead act—impact the group dynamic while touring and travelling? Are you still in touch?

Perry Melius: Another good question. Carrie was wicked. She was really good. I enjoyed working with her. We worked together for about four or five years. I think we did a few tours. She was great. At that time, there weren't as many UK bass players as there are now. When she came in, she came in and she nailed it and she had a great feel. Obviously, it is different for men and women, and it's difficult for women to adjust to the road, because their diets are different from men and their sleeping habits. Carrie handled it really well. She was good... really good! I haven't spoken with Carrie since we finished that tour. We went our separate ways. I'm not sure what she is doing now, to be fair.

Yuri Sundermeyer: Reparei que enquanto tocava com o Tricky, tocou com a baixista Carrie Melbourne. Ela pareceu ter uma forte presença em palco. Como era trabalhar com ela? Como é ter uma mulher na banda, particularmente quando ela não é a figura principal, que impacto tem na dinâmica do grupo enquanto se viaja? Continuam em contacto?

Perry Melius: Outra boa pergunta. A Carrie era fixe. Ela era mesmo boa. Gostei de trabalhar com ela. Nós trabalhámos juntos durante quatro ou cinco anos. Eu acho que fizemos algumas digressões. Era ótima. Na altura, não havia muitos baixistas no Reino Unido como há agora. Quando ela entrou e fez tudo na perfeição, teve uma ótima sensação. Obviamente, era diferente para homens e mulheres, e era difícil para as mulheres adaptarem-se à vida na estrada, porque as suas dietas eram diferentes, assim como os seus hábitos de sono. A Carrie lidou muito bem com isso. Ela era boa... muito boa! Não falo com a Carrie desde que terminámos as nossas digressões juntos. Nós separamo-nos. Eu não tenho a certeza do que ela está a fazer, para ser sincero.

Yuri Sundermeyer: How long did it take you to record the *Blowback* album with Tricky?

Perry Melius: Brilliant question. That was done... the drums were tracked for the *Blowback* album... some of those tracks, like the song "Bury the Evidence", we created that song playing live. It was one of those moments when the universe took us to wherever we were going with that song and Tricky put lyrics to it. It wasn't constructed in the studio, but we later went in the studio and cut "Bury the Evidence". Some of the other songs had already been produced by Tricky and his production team, so we just came in and played over the top of that. He would basically get a track together in the studio and he would ask what we thought of it and we would get one chance to go in and listen to the song. So, while the band was listening to the song, we would have to

get it together because we only got one chance to go in and nail it in terms of the pattern we were going to play, and if Tricky liked it, we would be in there for another ten minutes playing, and if he didn't like it, we would stop and would put a different song on. So, while we were listening to the song, initially, at first, we would hear it and we would have to have something in mind of what we would play with that track, because we wanted to be on the song and the album. So, when it was your time, you already had a beat in mind of what you were gonna play. Talking about the whole album, it took about two or three days to record all the drums. Afterwards, Tricky took it to production. The actual drums and rhythm section was two or three days.

Yuri Sundermeyer: Quanto tempo demorou a gravar o álbum *Blowback* com o Tricky?

Perry Melius: Ótima pergunta! Isso foi feito... a bateria foi gravada para o álbum *Blowback*... algumas dessas faixas, como a canção "Bury the Evidence", nós criamos essa música a tocar ao vivo. Foi um daqueles momentos em que o universo nos levou para onde quer que aquela música nos estivesse a levar, e o Tricky acrescentou-lhe uma letra. Não foi construída no estúdio, mas depois fomos ao estúdio e gravamos "Bury the Evidence". Algumas das outras músicas já tinham sido produzidas pelo Tricky e pela sua equipa de produção, por isso nós simplesmente entrámos e tocámos por cima.

Basicamente, ele preparava uma faixa no estúdio e perguntava-nos o que achávamos, e nós tínhamos uma oportunidade para entrar e ouvir a música. Então, enquanto a banda ouvia a música, tínhamos de perceber o que íamos fazer, porque só tínhamos uma oportunidade para entrar e acertar no padrão que íamos tocar. Se o Tricky gostasse, ficávamos lá mais dez minutos a tocar e, se não gostasse, parávamos e ele punha outra música.

Então, enquanto ouvíamos a música pela primeira vez, já tínhamos de ter em mente o que íamos tocar naquela faixa, porque queríamos participar na música e no álbum. Quando chegava a nossa vez, já tínhamos uma batida em mente para tocar. Falando do álbum todo, demorou cerca de dois ou três dias a gravar toda a bateria. Depois, o Tricky levou-o para a produção. A bateria e a secção rítmica demoraram dois ou três dias.

Maria Santos: Do you still follow Tricky's music now? How about his new stuff? Anything you like?

Perry Melius: Oh yeah, I spoke to him about five months ago. He called me to do something for him at about that time. I think he's a genius. I've been working in this business for a long time and he's one of the very few people whose stuff I love... an amazing musician. He is a self-taught musician. He's really a musician's musician. His mind thinks differently from a traditionally trained musician. And that's what I love about him. His mind thinks out of the box... totally, and working with him is the same way. I haven't listened to his music recently, but there's no doubt that it's good.

Maria Santos: Atualmente, ainda acompanha a música do Tricky? E quanto aos trabalhos mais recentes dele? Há alguma coisa de que goste?

Perry Melius: Ah, sim. Falei com ele há uns cinco meses. Nessa altura, ele ligou-

me para me convidar para fazer uma coisa para ele. Acho que ele é um génio. Já trabalho neste meio há muito tempo e ele é uma das pouquíssimas pessoas cujo trabalho adoro... é um músico incrível. É um músico autodidata. É mesmo um músico para músicos. A mente dele funciona de uma forma diferente de um músico com formação tradicional. E é isso que adoro nele. Ele pensa fora da caixa... completamente. E trabalhar com ele é exatamente assim também. Não tenho ouvido a música dele ultimamente, mas não tenho dúvidas de que é boa.

Constança Simões: In recent years, artists like Bruno Mars have sparked conversations about cultural influence, identity, and how different musical traditions are represented in popular music. Our student journalists have been exploring these ideas and wanted to ask: how do you distinguish between meaningful influence and imitation in music?

Perry Melius: That's a great question. Imitation in music... wow! I think if we're going to go that way, I think music that has been everlasting and that has been around many, many years... that music can't be cast as imitation music because it's been an influence on all our generations. Whether it be Afrobeat like Femi Kuti, a great African saxophonist, whose music has influenced so much and so many generations of music to the point that it's being played now as Afrobeat to the younger kids. You know, Bob Marley, his music's over fifty years old and his music sounds like it was made yesterday, I mean culturally. So, if you're taking the reggae culture, the Jamaican culture and the African culture, I think culture is very important. If it's done well and done with heart and meaning, it will always be important for the growth of music, and it's very important to have different cultures expressed, so that even in other countries you might like, maybe a piece of music from Brazil, but you don't know where the music is from, but you're feeling the music. Culture is very important because you research a song and find out it's from Brazil or Japan, so I do believe culture plays a big role in our music.

Constança Simões: Nos últimos anos, artistas como o Bruno Mars têm dado origem a debates sobre influência cultural, identidade e a forma como diferentes tradições musicais são representadas na música popular. Os nossos jovens jornalistas têm explorado estas ideias e gostariam de lhe perguntar: como distingue uma influência genuína de uma simples imitação na música?

Perry Melius: Essa é uma excelente pergunta. Imitação na música... uau! Se formos por esse caminho, penso que a música que perdura ao longo do tempo, que existe há muitos e muitos anos, não pode ser vista como uma imitação, porque influenciou todas as nossas gerações. Veja-se o Afrobeat, por exemplo, com o Femi Kuti, um extraordinário saxofonista africano. A sua música influenciou tantas pessoas e tantas gerações que hoje continua a ser tocada e apreciada pelos mais jovens. Ou pense no Bob Marley. A música dele tem mais de cinquenta anos e, culturalmente, soa como se tivesse sido feita ontem. Por isso, quando falamos da cultura reggae, da cultura jamaicana ou da cultura africana, acredito que a cultura é extremamen-

te importante. Se for expressa com autenticidade, coração e significado, continuará sempre a ser essencial para o crescimento da música. Também é muito importante que diferentes culturas estejam representadas. Pode acontecer ouvir uma música brasileira sem saber que é do Brasil, ou uma música japonesa sem saber que vem do Japão, e mesmo assim sentir uma ligação emocional àquela música. Depois, quando pesquisa a canção e descobre a sua origem, isso permite-lhe conhecer melhor essa cultura. Por isso, acredito verdadeiramente que a cultura desempenha um papel muito importante na música que fazemos.

Maria Santos: I like Michael Jackson and in one of his interviews, he said he hated touring, because basically it was bad for his health. How do you feel about touring and what do you do to maintain your health on the road?

Perry Melius: I love touring. I love touring! I've been touring for many years now. I love it! I just love visiting places; although when you tour you don't get to see many countries. You get into a hotel room, maybe take some rest, go to a sound check, do the show and then you're out of that country or place. I love travelling. I love touring. I love going to different countries, and bringing the music and playing it. It is very difficult. Touring is not for everybody, you know, because you're living out of a suitcase and a hotel room, and the food, sometimes, depending on where you're going, is not great. You have to maintain as good a diet as you can, which is very, very difficult. Some tours have their own chefs or their own cooks on the road, but it's still not the same as being at home, cooking at home and cooking your own food. So, touring is not for everybody, but I love it. I love the balance between studio work and touring. I just try to eat healthy. I try to eat the right things. Don't try to eat everything. Try to stay hydrated a lot and try to eat lots of fruits. I just try to eat the right things rather than burgers and chips and steaks. I try to be conscious of what I'm eating, but it's not always possible. Sometimes you do have to go to McDonald's because that's all you got. There's only McDonald's and you get into the hotel at one in the morning and you haven't eaten all day, so you have to fuel your body with something, but if you moderate what you eat and watch what you eat, you should be fine on the road. But I do love to tour. I love it.

Maria Santos: Gosto muito de Michael Jackson e, numa das suas entrevistas, ele disse que detestava fazer digressões porque, no fundo, isso prejudicava a sua saúde. Como é que vê a vida em digressão e o que faz para manter a sua saúde enquanto está na estrada?

Perry Melius: Adoro fazer digressões. Adoro mesmo! Já ando em digressão há muitos anos e continuo a adorar. Gosto de viajar, gosto de conhecer sítios diferentes, embora a verdade seja que, quando estamos em digressão, raramente temos oportunidade de conhecer verdadeiramente os países por onde passamos. Chegamos ao hotel, descansamos um pouco, fazemos o soundcheck, damos o concerto e, pouco depois, já estamos a caminho do destino seguinte.

Adoro viajar. Adoro fazer digressões. Gosto de ir a diferentes países, levar a música até às pessoas e tocá-la ao vivo.

Claro que é uma vida exigente. Fazer digressões não é para toda a gente, porque vivemos praticamente entre uma mala e um quarto de hotel. Além disso, a alimentação nem sempre é a melhor, dependendo dos locais por onde passamos. É preciso tentar manter uma alimentação o mais saudável possível, mas isso é muito difícil.

Há digressões que têm os seus próprios chefs ou cozinheiros a acompanhar a equipa, mas, mesmo assim, nunca é igual a estar em casa a preparar a nossa própria comida.

Por isso, esta vida não é para toda a gente, mas eu adoro-a. Gosto muito do equilíbrio entre o trabalho em estúdio e as digressões.

No meu caso, tento simplesmente alimentar-me de forma saudável. Procuo escolher os alimentos certos, sem exagerar. Tento manter-me sempre bem hidratado e comer bastante fruta. Prefiro optar por alimentos mais saudáveis em vez de hambúrgueres, batatas fritas ou bifes. Tento ser consciente daquilo que como, embora nem sempre seja possível.

Às vezes, acabas por ir ao McDonald's porque é a única opção disponível. Chegas ao hotel à uma da manhã, passaste o dia inteiro sem comer e precisas de alguma energia. Nessas situações, comes o que houver. Mas, se tivermos moderação e prestarmos atenção àquilo que comemos, é perfeitamente possível manter uma boa saúde durante as digressões. Mas, sinceramente, adoro fazer digressões. Adoro mesmo.

Constança Simões: Excuse me, but I was wondering if you ever had any contact with Bananarama. Is there anything you can say about that trio?

Perry Melius: Oh, I've met them many, many times, because the guy I'm working with now, we share the same festivals with them. I don't know a lot of their music and I'm not really a fan of it, but their music was written at that time and they were extremely successful with it... I don't think they're the greatest singers or have the greatest songs, but they were successful and you have to respect that. So, I do know Bananarama, but I'm not a fan.

Constança Simões: Desculpe, mas gostava de saber se alguma vez teve contacto com as Bananarama. Há alguma coisa que possa dizer sobre esse trio?

Perry Melius: Ah, sim, já estive muitas, muitas vezes com elas, porque o músico com quem estou a trabalhar agora, partilha os mesmos festivais com elas. Não conheço muito bem a música delas e, sinceramente, não sou grande fã. Mas a música delas foi feita para aquela época e tiveram um enorme sucesso... Não acho que sejam as melhores cantoras nem que tenham as melhores canções, mas foram muito bem-sucedidas e isso merece respeito. Portanto, conheço as Bananarama, mas não sou fã.

Maria Julia Stephan: I have read how some musicians call their creative space a sacred one and only allow certain people to enter that space. Does that make sense to you? Are there moments when you and colleagues are being creative that you would describe as sacred?

Perry Melius: So, you're saying creative people have a space that they only allow creative people to enter. I think it's more they only allow positive people to enter. So, if they're creating, or if you're creating a piece of music, your mind is in a zone where you're going to create...

maybe a classical piece of music and the door opens and negative energy comes in and disturbs your chain of thought with that piece of music you're going to create. Musicians don't want that disturbance. They don't want that energy around them. Good energy is always good around any creative place, I think, because good energy can spark something that the creator wasn't even thinking about. He could be creating a piece of music and good energy came in—it gave him an idea he was looking for and it sparked him to think of other things for his creativeness, so I think it's more about good energy when you're in that creative space.

And when I am producing music or creating music, it's not so much sacred. It's never that kind of thing, but some people are like that... they lock themselves away for days on end and they lock the outside world away, you know? Some people do that and they don't want to be disturbed or be influenced by what their thoughts are, but for me, I'm always about positive energy. It always helps to have somebody around or something around or be in a place where you have space and you feel you can breathe and it's not claustrophobic, but I'm more for having people around and creating that positive energy around people, so I like people around me, not too many, but I like people around when I create music or whatever it might be. Even when I am MDing bands, I still like creative input from other people and I think it gets strange when it is just you, you, you and when you could bring in so much other energy and you can bring it to make the music beautiful, so I do believe in having people around you.

Maria Júlia Stephan: Li que alguns músicos descrevem o seu espaço criativo como um espaço sagrado e que apenas permite a entrada de determinadas pessoas. Isto faz sentido para si? Há momentos em que está a criar música com os seus colegas, que descreveria como sagrados?

Perry Melius: Então, está a dizer que as pessoas criativas têm um espaço onde só deixam entrar outras pessoas criativas. Eu acho que é mais um espaço onde só deixam entrar pessoas com energia positiva. Quando alguém está a criar, ou quando estamos a criar uma peça musical, a nossa mente entra numa espécie de estado de concentração. Imagine que está a compor uma peça de música clássica e, de repente, abre-se a porta e entra alguém com uma energia negativa que interrompe o seu raciocínio e o processo criativo. Os músicos não querem esse tipo de interrupção. Não querem essa energia à sua volta. Penso que uma boa energia é sempre importante em qualquer ambiente criativo, porque pode despertar algo em que o criador nem sequer estava a pensar. Pode estar a compor uma música e, de repente, essa energia positiva dar-lhe precisamente a ideia que lhe faltava. Isso pode levá-lo a explorar novos caminhos e estimular ainda mais a sua criatividade. Por isso, acho que a questão tem mais a ver com a energia positiva quando estamos nesse espaço criativo. Quanto a mim, quando estou a produzir ou a compor música, não diria que seja propriamente um momento sagrado. Nunca o encarei dessa forma. Mas há pessoas que são assim. Fecham-se durante dias, isolam-se do mundo exterior e não querem ser incomodadas nem influenciadas enquanto estão a criar. Eu

sou diferente. Dou muito valor à energia positiva. Gosto de estar num sítio onde haja espaço, onde possa respirar e onde não me sinta fechado ou sufocado. Gosto de ter pessoas à minha volta — não demasiadas, claro — porque essa presença cria uma energia positiva. Por isso, quando estou a compor música, ou seja qual for o projeto em que esteja a trabalhar, gosto de ter algumas pessoas por perto. Mesmo quando sou diretor musical de uma banda, continuo a gostar de receber ideias e contributos criativos dos outros. Acho que tudo se torna um pouco estranho quando é apenas «eu, eu, eu», quando, na verdade, podemos aproveitar a energia e as ideias de outras pessoas para tornar a música ainda mais bonita. Por isso, acredito mesmo na importância de estarmos rodeados de pessoas durante o processo criativo.

Benedita Soeiro: What time of day are you the most creative?

Perry Melius: Great question. So, if you're talking about me personally, it could be any time. You have to be creative 24/7, because in my job, because I'm a drummer, a producer and I'm a M.D. (musical director). Sometimes the phone would ring and it's the guy I'm working for and he wants a piece of music for a show. So, I have to put my hat on quickly and do that and get into that, and then the phone rings and I got a gig that night. So, I have to learn some songs and I have to do that quickly. So, I think that you have to be creative most of the day in your mind. Even if you're in your car sitting down, a melody might come to you and I don't think you can ever switch off being creative, because if you do, you've missed something, if that makes sense.

Benedita: Em que altura do dia se sente mais criativo?

Perry Melius: Boa pergunta. Então, se estás a falar de mim, pessoalmente, pode ser a qualquer altura. Tens de ser criativo 24 horas por dia, 7 dias por semana, porque no meu trabalho, já que sou baterista, produtor e diretor musical, às vezes o telefone tocava e era a pessoa para quem eu estava a trabalhar, que precisava de música para um concerto. Então, tenho de me concentrar rapidamente e fazer isso, e depois o telefone toca de novo e tenho um concerto esta noite. Assim, tenho que aprender algumas músicas rapidamente. Portanto, penso que, mentalmente, tens de ser criativo durante a maior parte do dia. Mesmo que estejas apenas no carro, pode surgir-te uma melodia, e acho que nunca podes deixar de ser criativo, porque, se o fizeres, podes perder alguma coisa, se é que isso faz sentido.

Maria Santos: We came across your work on the Fresh Handmade Collective release, which features many collaborators. Was this project done remotely? If so, how do you feel about that type of recording process?

Perry Melius: I don't remember what that is, to be fair. If I knew what song it was, but I don't know what that is. I don't know why I am credited for that. That's a bit weird. I do know the bass player. It could have been something I did for someone where I programmed the drums. Oh! Ged Lynch was a drummer on that. I can't remember what this was, but thank you for showing me. It's crazy. Oh, the studio, Chestnut Studios, sounds familiar. Now, I really have to look it up.

Maria Santos: Nós deparamo-nos com o seu trabalho na "Fresh Handmade

Collective release", que contou com diversos colaboradores. Este projeto foi feito à distância? Se sim, como se sente em relação a esse tipo de processo de gravação?

Perry Melius: Não me lembro disso, para dizer a verdade. Se eu soubesse qual era a música, mas não sei qual é. Não sei porque me deram os créditos por isso. Isso é um pouco estranho. Eu até conheço o baixista. Pode ter sido algo que fiz para alguma pessoa onde programei a bateria. Oh! Ged Lynch foi o baterista nesse projeto. Não me lembro do que isto era, mas obrigado por me mostrar. É uma loucura. Oh, o estúdio, Chestnut Studios, soa-me familiar. Agora preciso mesmo de procurar isso.

Maria Julia Stephan: What is the biggest personal sacrifice you have made in the name of music?

Perry Melius: Wow, I think the biggest sacrifice you have to make is not even a sacrifice. You have to put the time into practice. I think being away from home and missing your kids growing up and missing your best friend's wedding... well, you always miss stuff. Your tour starts on the day your baby is being born. Your tour starts on the day it's your daughter's birthday. Your tour starts on the day your best friend is getting married. So, you miss out on lots and lots of good things that you wish you were there for. So, I think that's the biggest sacrifice... being away from home. You have to make that choice. It's going to be a very lonely journey on your own.

Maria Júlia Stephan: Qual foi o maior sacrifício pessoal que fez em nome da música?

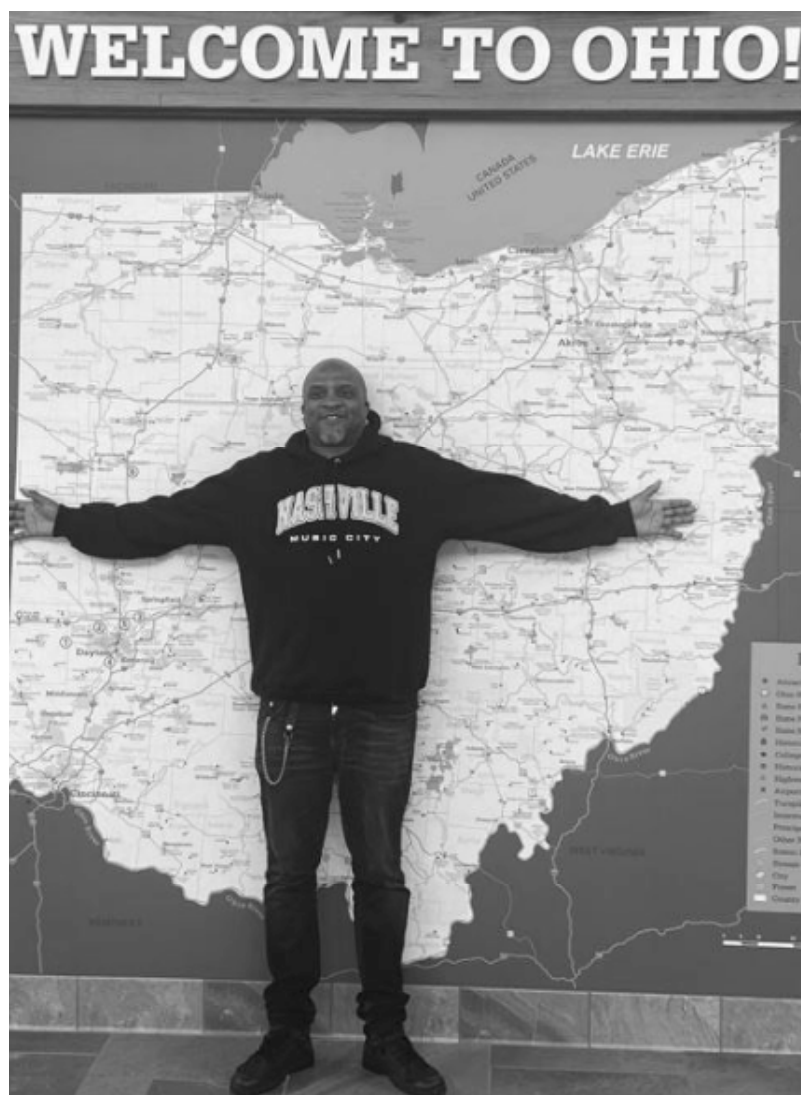
Perry Melius: Uau, eu acho que o maior sacrifício que tu tens de fazer não é bem um sacrifício. Tu tens que dedicar tempo à prática. Eu acho que estar longe de casa, perder o crescimento dos teus filhos, perder o casamento do teu melhor amigo... bom, tu perdes sempre coisas. O teu tour começa no dia em que o teu bebé vai nascer. O teu tour começa no dia em que a tua filha faz anos. O teu tour começa no dia que o teu melhor amigo vai casar. Então, tu perdes muitas e muitas coisas boas de que tu querias fazer parte. Então, eu acho que esse é o teu maior sacrifício... estar longe de casa. Tu tens que fazer essa escolha. É uma jornada muito solitária, este é o maior sacrifício.

Yuri Sundermeyer: What is the one moment in your life that you would most want to relive? Specifically, which show would you most want to go back and perform again?

Perry Melius: Oh, wow, to be fair, I've been very lucky and worked with some great people and they're all good, but I've had some great moments with Tricky... maybe the best moments I had were with Tricky... the energy, because of his freedom with music and where the music took you to. I think working with him again in that vein, and that great band with Tricky at the top of his game and we were supporting some fantastic acts like Tool and it was a great time. I think, if I could relive some of those moments, it would be those with Tricky, because of the freedom of the music and where it took us.

Yuri Sundermeyer: Qual é o momento na sua vida que gostaria mais de reviver? Especificamente, que espetáculo gostaria mais de voltar e de tocar?

Perry Melius: Oh, uau, para ser sincero, tenho tido muita sorte e trabalhei com



pessoas incríveis, e todas foram boas experiências, mas tive momentos incríveis com o Tricky... talvez os melhores momentos que tive tenham sido com o Tricky... a energia, por causa da liberdade que ele tinha com a música e dos lugares para onde a música nos levava. Acho que voltar a trabalhar com ele daquela forma, com aquela grande banda, com o Tricky no auge, e nós a fazermos a primeira parte de concertos de bandas fantásticas como os Tool... foi uma época incrível. Acho que, se pudesse reviver alguns desses momentos, seriam aqueles com o Tricky, por causa da liberdade da música e dos lugares para onde ela nos levava.

Benedita Soeiro: I am curious if you have ever collaborated with a musician who didn't speak English as a first language? Do you have any stories like that? I am asking because I recently did an interview with a Japanese artist, which I enjoyed, but couldn't have done if I didn't speak English.

Perry Melius: Great, great question. I love it. So, again, music is a universal language. I don't need to speak Portuguese, Spanish or Dutch... I think as long as you get the spirit of the music and the journey of the music, you don't need the lyrics. You kind of make your own mind up lyrically what is being said depending on the journey of the music. So, music is definitely a universal language. I worked with a Japanese artist, a girl called Yuki, three or four years ago and she approached me to do some music, which was great and everything, but the language... I didn't understand, but we understood each other through music. If I programmed something or did something she liked, she would say, "Yeah, great, great, great." That was as far as it went. If she didn't like something, she'd just say, "No." So, I think, again, through music, you can communicate loads of different things. It's difficult with different languages, but it's like football if you play in a different country. You have to learn a bit of the language, but playing the actual game, it's all the same language, because it's the same game everywhere. You can have ten different players speaking different languages on the football pitch, but the ball is still going to go left or right, or forward or back. It's the same with music. You don't have to speak the language, because the beats make you feel that energy. It's difficult without the translation, but it can definitely be done with music. I worked with this girl Yuki. She was great because she didn't understand any English at all, but the deal was that when I did the music and she put her Japanese vocals over it, it was like it was made in heaven, you know, it was great. So, it was all good and I did a reggae album and we covered a Japanese reggae song in Japanese, so they were singing in Japanese, but they still had to sing the melody the same way, but in Japanese. So, the language is not really a musical barrier. The only thing is I couldn't understand what she was actually saying or singing, so I didn't know if she was singing the right lyrics, so she could have been saying anything, but I am sure she must have been singing the right lyrics. Music doesn't have to suffer due to language barriers.

Benedita Soeiro: Estou curiosa se algu-

ma vez colaborou com um músico que não falasse inglês, como primeira língua? Tem alguma história do gênero? Estou a perguntar porque recentemente fiz uma entrevista com uma artista Japonesa, que eu gostei, mas não a conseguiria fazer se não falasse inglês.

Perry Melius: Boa, boa pergunta. Adorei. Então, mais uma vez, a música é uma linguagem universal. Eu não preciso de falar português, espanhol ou neerlandês... Acho que, desde que sintas o espírito da música e a viagem que ela te proporciona, não precisas da letra. Acabas por criar a tua própria interpretação daquilo que está a ser dito na letra, dependendo da viagem que a música te proporciona. Por isso, a música é definitivamente uma linguagem universal. Eu trabalhei com uma artista japonesa, uma rapariga chamada Yuki há três ou quatro anos atrás, e ela abordou-me para fazer música, o que fui maravilhoso, mas a linguagem... eu não entendia, mas nós entendíamos-nos através da música, se eu programava algo ou fazia algo que ela gostava, dizia "Sim, ótimo, ótimo, ótimo." Era o mais longe que chegava; se ela não gostasse de alguma coisa, dizia, "Não." Então, eu acho que através da música, tu podes comunicar montes de coisas diferentes. É difícil com línguas diferentes, mas é como o futebol, se jogares em países diferentes, tens de aprender um pouco da língua, mas jogar o jogo, é a mesma língua, porque é o mesmo jogo em todo o lado. Podes ter dez jogadores diferentes a falar línguas diferentes no campo de futebol, mas a bola vai na mesma para a direita e para a esquerda, ou para a frente e para trás. É o mesmo com a música. Não tens de fala a língua, porque o ritmo e as batidas fazem sentir a energia. É difícil sem a tradução, mas pode ser feito com a música. Quando trabalhei com a senhora Yuki, ela não entendia nada de inglês, mas o acordo foi que quando eu fizesse a música ela punha a letra dela, era como se fosse feito no céu, sabes? Foi ótimo. Então, foi tudo ótimo, fiz um álbum e nós fizemos uma canção em japonês, então cantavam em japonês, mas tinham de cantar da mesma forma a melodia, mas em japonês. Por isso, a língua não é uma barreira musical. A única coisa que eu não entendia era o que ela dizia ou cantava, não sabia se ela estava a cantar a letra certa, podia dizer qualquer coisa, mas eu tenho a certeza que ela estava a cantar a letra certa. A música não tem de sofrer com as barreiras linguísticas.

Constança Simões: In Portugal, Rock in Rio is an extremely popular event and one of the biggest music festivals in the world. How do you feel about those kinds of events, and have you participated in one? **Perry Melius:** I love Rock in Rio, man. I've done the Brazilian one. It's amazing. It was a good many years ago with a band called Aswad... a reggae band called Aswad. We did that. It was brilliant. It was wicked. I love playing big stadiums just like I love playing small 200-capacity venues. There is a connection when you play for 200 people and you have to make that same connection for a big audience. But Rock in Rio was brilliant... the Brazilian one was absolutely amazing, so great. I loved it.

Constança Simões: Em Portugal, Rock In Rio é um evento extremamente popular e um dos maiores festivais de música no mundo. como é que acha desses eventos, e, já participou em algum?

Perry Melius: Eu amo o Rock in Rio. Eu participei numa edição no Brasil, é espetacular. Foi há uns bons anos atrás, com uma banda chamada Aswad... uma banda reggae chamada Aswad. Nós fizemos isso, foi brilhante, foi brutal. Eu amei tocar em estádios grandes assim como amo tocar em mais pequenos com a capacidade de 200. Há uma conexão quando se toca para 200 pessoas e tu tens de fazer essa mesma conexão para as audiências maiores.

Constança Simões: About Benedita's last question, I also think music is a universal language. For example, I really love this Italian band, but at first, I really didn't understand what they were saying, but then I started learning the language to understand them better and the meaning of the music, so I really think it's amazing how even when we don't speak the language of the song we're listening to, we are really able to understand it through the beats and through the music itself, yeah.

Perry Melius: Perfect, that's exactly what music is supposed to be... the journey of music can take you through your emotions. Whether you're feeling sad or happy... whether you're feeling down or lonely... even without vocals or lyrics, a journey of music from any country can take you through that journey of feeling sad or happy and it can take you through those emotions, so that's really good.

And about Rock in Rio, when I did Rock in Rio with Aswad, which is a reggae band in England, which is quite successful and had quite a lot of hits, one of the members of the band, the drummer, decided he wasn't going to go, so they got me to fill in, but I think the production crew thought I was Aswad, because the camera was on me all night and not the other band members, just on me all night, so that was my claim to fame. They thought I was Aswad, but I wasn't him, I was replacing a guy who didn't want to go... so, my claim to fame, but it's all good.

Constança Simões: Sobre a última questão da Benedita, eu também penso que a música é uma linguagem universal. Por exemplo, eu adoro uma banda italiana, mas no início eu não entendia bem o que eles diziam, por isso comecei a estudar a língua para os perceber melhor e o significado da música, é incrível, mesmo que não entendamos a língua da música que estamos a ouvir, conseguimos entendê-la através da batida e pela música em si.

Perry Melius: Perfeito, é exatamente isso que é suposto ser a música... a jornada da música pode levar-te através das emoções. Quer estejas triste ou feliz... quer te sintas em baixo ou sozinho... mesmo sem letra, uma jornada pela música de qualquer país pode levar-te a sentires-te triste ou feliz, através dessas emoções, então isso é muito bom. E sobre o Rock In Rio, quando estive no Rock In Rio com os Aswad, que são uma banda inglesa de reggae, que tem vários sucessos musicais e têm muito êxito, dessa vez, um dos membros da banda, o baterista, decidiu não ir, então eles chamaram-me para tocar no seu lugar, e achei que a equipa de produção pensou que eu fazia parte dos Aswad, porque a câmara esteve sempre a focar-me a noite toda, e não nos outros membros, apenas em cima de mim. Este foi o meu caminho para a fama. Eles achavam que eu fazia parte dos Aswad, mas eu não fazia. Estava apenas a substituir um rapaz

que não quis ir.... este foi o meu caminho para a fama, mas está tudo bem.

Maria Julia Stephan: Given your lifestyle, how much time do you actually spend at home?

Perry Melius: Wow, another good question. It depends. You can get your schedule for January from one artist that you're playing with for six months and during those six months, you go back and forth from home. So, I think with my schedule now over the last five or six years, it's been half and half, so basically I'm home for six months and I'm on the road for the other six months. So, on my last trip, we were in America for seven weeks, and that's about the longest I've been away.

Maria Júlia Stephan: Dado o seu estilo de vida, quanto tempo passa realmente em casa?

Perry Melius: Uau, outra excelente pergunta. Depende. Pode receber a sua agenda de janeiro de um artista com quem vai tocar durante seis meses e, ao longo desses seis meses, vai indo e voltando para casa. Por isso, olhando para a minha agenda dos últimos cinco ou seis anos, diria que tem sido mais ou menos meio por meio. Basicamente, passo cerca de seis meses em casa e os outros seis meses na estrada. Na minha última digressão, estivemos sete semanas nos Estados Unidos, e esse foi, mais ou menos, o maior período de tempo que passei longe de casa.

Maria Julia Stephan: What does home mean to you?

Perry Melius: As you can see behind me, I have a lot of drums in my front room. My studio is getting refurbished, so it's a bit messy at the moment, because all my studio stuff is in my front room. But home means being at home... cooking, being around my kids. I love being around my kids and seeing them every day and I think it's really important if you're going into any kind of profession like football or journalism or whatever it might be, like music, I think it is so important to have a good and solid family or friend base. You're going to need that. The work we do is sometimes very lonely and the reality of life and being around good family and good friends... so, actually my family are my friends and my friends are my family... so, after coming off a big stage, you need somewhere to go to settle your mind and to remind yourself that it was just a show and it is not the way our life really is.

Not a lot of people can deal with that and they struggle mentally coming off the big stages and coming home because when you're working with these big artists, everything is done for you and when it's all finished, you're back home sitting down and you have to do your laundry again and cook your own food, but you don't know how to do those things... some friends I know struggle with that, but I'm very lucky to have an amazing family with me, so we go out for dinner or a football match and we do stuff together, so we're good.

Maria Júlia Stephan: O que significa para si estar em casa?

Perry Melius: Como pode ver atrás de mim, tenho muitas baterias na sala de estar. O meu estúdio está a ser remodelado, por isso está tudo um pouco desarrumado neste momento, porque todo o equipamento do estúdio está na sala. Mas, para mim, casa significa estar em

casa... cozinhar, estar com os meus filhos. Adoro estar com eles e vê-los todos os dias. Acho que, se escolher uma profissão como o futebol, o jornalismo ou a música, é muito importante ter uma base sólida de família ou de amigos. Vai precisar disso. O trabalho que fazemos é, por vezes, muito solitário e, por isso, a realidade da vida é estar rodeado de boa família e de bons amigos. Na verdade, a minha família são os meus amigos e os meus amigos são a minha família. Depois de sair de um grande palco, é importante ter um lugar para onde voltar, acalmar a mente e lembrar-se de que aquilo foi apenas um espetáculo e que a vida real não é assim. Muitas pessoas não conseguem lidar com essa transição e acabam por passar dificuldades a nível mental quando deixam os grandes palcos e regressam a casa. Quando se trabalha com grandes artistas, eles fazem tudo por nós. Mas, quando a digressão termina, voltamos para casa, sentamo-nos no sofá e temos de voltar a lavar a roupa, cozinhar as nossas próprias refeições e tratar das tarefas do dia a dia. Há pessoas que acabam por perder esse hábito e alguns amigos meus têm dificuldade em adaptar-se a essa realidade. Eu tenho muita sorte, porque tenho uma família fantástica. Costumamos sair para jantar, ver um jogo de futebol e fazer coisas juntos. Por isso, felizmente, estamos muito bem.

Constança Simões: Excuse me, I see all the CDs behind you. Which ones do you listen to on repeat? Which ones would you recommend we check out?

Perry Melius: Those CDs are going to go in the bin soon. I don't listen to them, but I do listen to lots of music. Basically, when I was working with Tricky, I was quite young at the time. He used to come on the tour bus and just play loads of music... loads of great stuff, and all the band would get a piece of paper and write down what he was playing without him knowing, and we'd go straight to the shop and buy bundles of the CDs and bring them back home. He'd always say, "If you're going to listen to music, listen to the best of the best."

Some music nowadays, there's no soul to it. Most of it is done by computers where there's just no emotion or anything in the music, in my opinion. So, I don't listen to much modern music. I've been listening to Little Simz, who's an artist from the UK. She's good solely because I love her influences and how diverse she is. But I listen to lots of old-school music, lots of rock, lots of pop, lots of soul, lots of Motown. So, I do listen to all kinds of music and all genres of music. There's not one single piece of music that I can say, "I listen to that all the time." I am a massive reggae fan, so I listen to lots of reggae.

Constança Simões: Desculpe, estou a ver todos esses CDs atrás de si. Quais são aqueles que ouve vezes sem conta? Quais recomendaria que ouvíssemos?

Perry Melius: Esses CDs vão acabar no lixo em breve. Não os ouço, mas ouço muita música. Basicamente, quando trabalhava com o Tricky, eu ainda era muito novo. Ele costumava entrar no autocarro da digressão e simplesmente punha imensa música a tocar... imensa coisa boa. E todos os membros da banda pegavam num pedaço de papel e, sem ele saber, apontavam o que ele estava a pôr a tocar. Depois, íamos diretamente à loja, comprávamos montes daqueles CDs e levávamo-

los para casa. Ele dizia sempre: "Se vais ouvir música, ouve o melhor dos melhores." Hoje em dia, há música que simplesmente não tem alma. Na minha opinião, grande parte é feita por computadores e não há emoção nenhuma na música. Por isso, não ouço muita música moderna. Tenho ouvido Little Simz, que é uma artista do Reino Unido. Ela tem qualidades, sobretudo porque adoro as influências dela e a diversidade da sua música. Mas ouço muita música da velha guarda, muito rock, muito pop, muito soul, muita Motown. Portanto, ouço realmente todo o tipo de música e todos os géneros musicais. Não há uma única música sobre a qual possa dizer: "Ouço isto o tempo todo." Sou um enorme fã de reggae, por isso ouço muito reggae.

Constança Simões: So, could you tell us a few favorite songs or bands? Give us some names...

Perry Melius: Okay, so, I do love reggae and I love a drummer... there's a drummer Sly Dunbar... from Sly and Robbie... and they made music for Grace Jones, and so many other people. So, I listen to them quite a lot. I listen to lots of Bob Marley, because the rhythm section of Bob Marley, to me, it the best ever with Carlton Barrett and Aston Barrett... two brothers. Those songs were made forty years ago and if you put them on now, they feel like they were made yesterday. That's how good they are, so I listen to a lot of Bob Marley. There's a rock band called Tool, which I like quite a lot. Little Simz. I've been listening to some hip hop. I like researching stuff, so if I'm listening to some podcast and someone mentions something, I go and check it out. I also like Aretha Franklin... lots of different old school stuff. A lot of songwriting today is influenced by them, so a lot of Americans would go and research by going back in time with jazz... go back a hundred years, or hip hop... going back forty years. I like listening to old stuff rather than the modern stuff.

Constança Simões: Então, pode dizer-nos algumas das suas músicas ou bandas preferidas? Dê-nos alguns nomes...

Perry Melius: Está bem, eu adoro reggae e há um baterista de quem gosto muito... o Sly Dunbar, dos Sly and Robbie. Eles fizeram música para a Grace Jones e para muitas outras pessoas. Por isso, ouço-os bastante. Ouço muito Bob Marley, porque, para mim, a secção rítmica de Bob Marley é a melhor de sempre, com Carlton Barrett e Aston Barrett... dois irmãos. Essas músicas foram feitas há quarenta anos e, se as pusermos a tocar hoje, parece que foram feitas ontem. É esse o nível de qualidade delas. Por isso, ouço muito Bob Marley. Há uma banda de rock chamada Tool de que gosto bastante. Little Simz. Também tenho ouvido algum hip-hop. Gosto de pesquisar coisas, por isso, se estiver a ouvir um podcast e alguém mencionar alguma coisa, vou logo procurar para ver o que é. Também gosto de Aretha Franklin... e de muita música diferente da velha guarda. Hoje em dia, uma grande parte da composição musical é influenciada por esses artistas. Por isso, muitos americanos fazem pesquisa recuando no tempo: no jazz, recuam cem anos; no hip-hop... recuam quarenta anos. Gosto mais de ouvir música antiga do que música moderna.

Constança Simões: Sure, it feels like a lot of the modern music is just so commercial.

Perry Melius: Exactly. A lot of today's music... there's a lot of samples in them that people take snippets from. The samples always come from somewhere, so you should go and listen to where they come from. While you're on Spotify, just type in "Music from the '60s or '50s" and listen to some old Aretha Franklin or Mahalia Jackson. That's where Whitney Houston and others get their great voices and sound from, because they listened to the old stuff. Search the old stuff and something will touch your emotions, and it will be the old songs that do that, trust me.

Constança Simões: Claro, parece que muita da música moderna é simplesmente demasiado comercial.

Perry Melius: Exatamente. Muita da música de hoje... tem muitos *samples*, pequenos excertos que as pessoas vão buscar a outras músicas. Esses *samples* vêm sempre de algum lado, por isso deveríamos ouvir as músicas de onde foram retirados. Quando estiverem no Spotify, basta escreverem "música dos anos 60 ou 50" e ouvirem um pouco da iconica Aretha Franklin ou da Mahalia Jackson. Foi daí que Whitney Houston e outros artistas foram buscar aquelas vozes e sonoridades incríveis, porque ouviam a música antiga. Pesquisem a música antiga e vão encontrar alguma coisa que vos vai tocar emocionalmente. E vão ver essas músicas antigas a fazer isso, acreditem em mim.

Constança Simões: I just saw recently that, in one of Bad Bunny's songs, there is a sample of a French song called "Hier Encore". I find it interesting that he takes older stuff and takes it to the younger generations and lets them listen to it with the modern rhythms.

Perry Melius: Exactly. At least that goes to show he's researched something and some music. Take a look at a great producer named J Dilla, who's passed away, passed away very young. He would go back into the '50s and chop up loads of different things and make great hip hop songs, like Kanye West did later on, but J Dilla was already doing it.

Constança Simões: Vi recentemente que, numa das músicas do Bad Bunny, há um *sample* de uma canção francesa chamada "Hier Encore". Acho interessante ele pegar em músicas mais antigas, levá-las às gerações mais jovens e dar-lhes a oportunidade de as ouvir com ritmos modernos.

Perry Melius: Exatamente. Pelo menos, isso mostra que ele pesquisou e explorou alguma música. Vejam o trabalho de um grande produtor chamado J Dilla, que já faleceu. Morreu muito jovem. Ele voltava à música dos anos 50, pegava em imensos excertos diferentes, cortava-os e misturava-os para criar grandes músicas de hip-hop. Mais tarde, Kanye West fez algo semelhante, mas J Dilla já fazia isso antes.

Yuri Sundermeyer: We haven't seen as much written about your work with Andy Wood Mitchell, but it sounds quite interesting and involves several collaborators. Could you tell us more about that project and what we should know?

Perry Melius: Okay, so Andy Wood Mitchell is a guy whose dad, Andrew Mitchell, used to work for a film company, and his dad produced a lot of *Carry On* films. So, in the UK, we got this series, like *Carry On Camping* or *Carry*

On... whatever, and his dad produced a lot of those films, or at least had something to do with that.

Andrew's son, Andy Wood Mitchell, doesn't have the greatest voice, but he has always wanted to be a singer. He's not really a professional singer. He's mainly a function singer, so he goes out on a Saturday and does functions at pubs or clubs and takes his money and hires really good musicians and records lots of music. He'll go into a big studio, like Abbey Road, where the Beatles recorded, and record with a big band, so it gives the perception that he's bigger than what he really is, but he's mainly a function singer that wants to get bigger and be bigger than what he is, so he invests in great musicians and all that.

He's a lovely guy with a great character, but he's not on the mainstream touring circuit. He is great to work for and determined to do what he does, but he hasn't become a mainstream singer. He's just trying to move up.

Yuri Sundermeyer: Não encontramos tanta informação sobre o seu trabalho com Andy Wood Mitchell, mas parece ser um projeto bastante interessante e envolve vários colaboradores. Pode contar-nos um pouco mais sobre esse projeto e dizer-nos o que devemos saber?

Perry Melius: Ok, então, Andy Wood Mitchell é um tipo cujo pai, Andrew Mitchell, trabalhava para uma produtora cinematográfica, e o pai dele produziu muitos dos filmes *Carry On*. No Reino Unido, tínhamos esta série, como *Carry On Camping* ou *Carry On*... qualquer coisa, e o pai dele produziu muitos desses filmes, ou pelo menos teve alguma coisa a ver com eles.

O filho de Andrew, Andy Wood Mitchell, não tem propriamente a melhor voz, mas sempre quis ser cantor. Não é realmente um cantor profissional. É sobretudo um cantor que atua em eventos, por isso, ao sábado, vai atuar em eventos em pubs ou clubes e pega no dinheiro que ganha, contrata músicos muito bons e grava muita música. Vai para um grande estúdio, como Abbey Road, onde os Beatles gravaram, e grava com uma big band, por isso dá a impressão de que tem uma dimensão maior do que realmente tem. Mas é sobretudo um cantor de eventos que quer crescer e tornar-se maior do que é, por isso investe em excelentes músicos e em tudo isso. É um tipo adorável, com uma excelente personalidade, mas não faz parte do circuito das grandes digressões. É ótimo trabalhar para ele e é determinado naquilo que faz, mas ainda não se tornou um cantor mainstream. Está simplesmente a tentar subir.

Maria Santos: If you were to relive your life and try to start your career today as a 20-year-old musician, would you be able to do it? In other words, the career that you built during your life... could a young musician follow the same path in today's world?

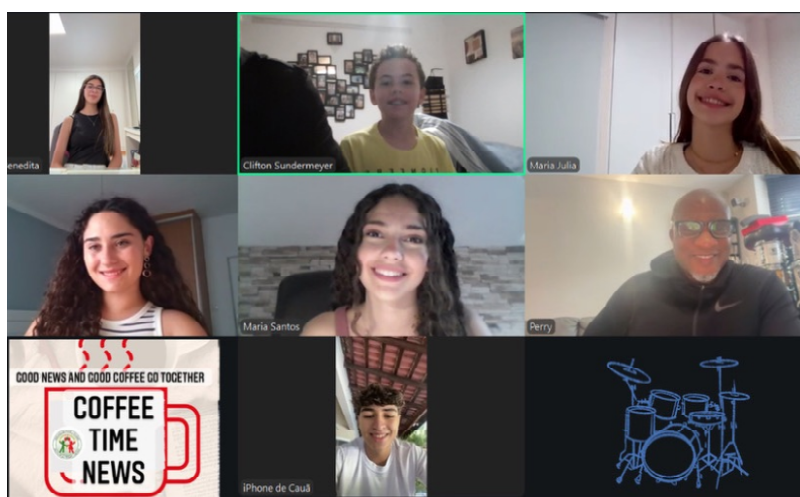
Perry Melius: Good question. I think the world's totally different now. When I started coming through music and learning music, there were a lot more venues, a lot more bands, a lot more record deals, a lot more opportunities to make it in the music industry. So, if there were more opportunities, there would be more bands and that's how I came through, because there were more bands around and artists looking for live

musicians, so it was a lot easier. It was still hard, because you had to be good at what you do, so it was hard graft.

There were a lot more record companies, so you'd get called by a record company and be on a wage. You'd get your PDMs, which were daily allowances, which means you'd get a wage and also get some money for your everyday living expenses and you'd get that money while you're on the road. As there was more work, you'd go from tour to tour to tour.

I think that now with the introduction of computers, with the introduction of Apple, with the introduction of Logic programs and the introduction of MPC programs, we have a lot of bands that now have maybe three musicians. So, everything is recorded on a backing track, so you're playing to a backing track, making it harder for someone to get in the business, because we don't need so many musicians. We just need a drummer, bassist or maybe it's just a singer and guitarist. We don't need a lot. We put it all in the computer and the costs are minimal, so they can get what they need from a computer and I think it's a lot harder to get in the business now and to sustain a living.

It can be done with hard work and if you keep pursuing it and don't take no for an answer... it can be done, but it's harder



now, definitely. That's the answer to that.

Maria Santos: Se pudesse viver a sua vida novamente e tentasse começar hoje a sua carreira como músico e com 20 anos, conseguiria fazê-lo? Por outras palavras, a carreira que construiu ao longo da sua vida... seria possível a um jovem músico seguir o mesmo caminho no mundo de hoje?

Perry Melius: Boa pergunta. Acho que o mundo é completamente diferente hoje em dia. Quando entrei no mundo da música e a aprender música, havia muito mais espaços para tocar ao vivo, muito mais

bandas, muito mais contratos com editoras discográficas e muito mais oportunidades para conseguir entrar na indústria musical.

Portanto, como havia mais oportunidades, havia mais bandas, e foi assim que eu consegui avançar na minha carreira. Havia mais bandas e mais artistas à procura de músicos para tocar ao vivo, por isso era muito mais fácil. Mesmo assim, era difícil, porque tínhamos de ser bons naquilo que fazíamos. Era preciso trabalhar muito.

Havia também muito mais editoras discográficas. Uma editora podia ligar-

nos e passávamos a receber um salário. Também recebíamos as nossas ajudas de custo diárias, ou seja, recebíamos um salário e, além disso, algum dinheiro para as despesas do dia a dia enquanto estávamos em digressão.

Como havia mais trabalho, passávamos de uma digressão para outra frequentemente.

Acho que hoje, com a introdução dos computadores, da Apple, com programas como o Logix e os programas MPC, temos muitas bandas que talvez tenham apenas três músicos. Tudo o resto fica gravado numa faixa de acompanhamento e os músicos tocam por cima dessa faixa. Isso torna mais difícil alguém entrar na indústria, porque já não são necessários tantos músicos.

Só é preciso um baterista, um baixista ou, às vezes, apenas um cantor e um guitarrista. Não é preciso muito mais. Coloca-se tudo no computador e os custos são mínimos. Conseguem-se obter através de um computador aquilo que se precisa.

Por isso, acho que hoje é muito mais difícil entrar na indústria e conseguir ganhar a vida com a música. É possível, com muito trabalho, se continuarmos a lutar por isso e não aceitarmos um "não" como resposta... é possível. Mas hoje é definitivamente mais difícil. Esta é a minha resposta.

Datasheet / Ficha Técnica

Coffee Time News - October/Outubro 2026

E-mail - lisbonchicago@gmail.com

Site - www.coffee-time-news.org

Instagram - coffee_times_news

Director / Diretor - Editor - Clifton Sundermeyer

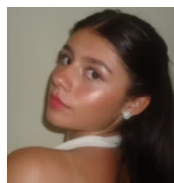
Contributors / Colaboradores



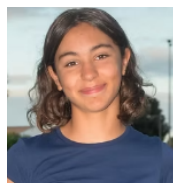
Cauã Lana



Constança Simões



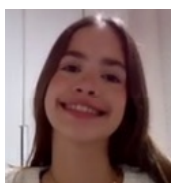
Laura Soares



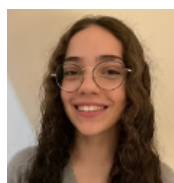
Margarida Mesquita



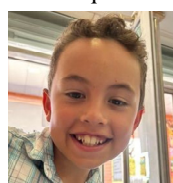
Maria Alves



Maria Julia Stephan

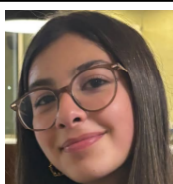


Maria Santos



Yuri Sundermeyer

Pagination / Paginação - Print / Impressão - Imprime Artes Gráficas



Benedita Soeiro



Pocsor
Consultoria Integrada

Tel./Fax (+351) 242 206 869 | Tlm (+351) 938 909 537
Rua Condes da Torre, 15 | 7400-308 Ponte de Sor, Portugal
www.pocsor.com | facebook.com/pocsor



Chicago Institute of Studies
Instituto de Estudos Chicago

Learn More English
Aprenda mais Inglês

✉ lisbonchicago@gmail.com



BAIRRO DA SAÚDE

A Farmácia Matos Fernandes está mais próxima dos utentes em:

www.bairrodasaude.pt



Jardim-Escola João de Deus

Ponte de Sor



242 094 750
925 486 635



pontesor@escolasjoaodeus.pt
www.joaodeus.com



Avenida da Liberdade
7400-217 PONTE DE SOR, PORTUGAL